

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

BRUNO SANTOS NOGUEIRA PENA

**GLADIADORES NA PENÍNSULA IBÉRICA E OS CONCEITOS DE INFÂMIA E
MORTE NA CIDADE DE CÓRDOBA**

ALFENAS/MG

2022

BRUNO SANTOS NOGUEIRA PENA

**GLADIADORES NA PENÍNSULA IBÉRICA E OS CONCEITOS DE INFÂMIA E
MORTE NA CIDADE DE CÓRDOBA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas.
Área de concentração: Ciências Humanas.
Orientador(a): Cláudio Umpierre Carlan.

ALFENAS/MG

2022

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Pena, Bruno Santos Nogueira.

Gladiadores na Península Ibérica e os conceitos de infâmia e morte na cidade de Córdoba / Bruno Santos Nogueira Pena. - Alfenas, MG, 2022.
52 f. : il. -

Orientador(a): Claudio Umpierre Carlan.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

Bibliografia.

1. Gladiadores. 2. Infâmia. 3. Morte. 4. Península Ibérica. 5. Córdoba. I. Carlan, Claudio Umpierre, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

BRUNO SANTOS NOGUEIRA PENA

GLADIADORES NA PENÍNSULA IBÉRICA E OS CONCEITOS DE INFÂMIA E MORTE NA CIDADE DE CÓRDOBA

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 25 de maio de 2022.

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Profa. Dra. Raquel dos Santos Funari
Instituição: Universidade de São Paulo USP-SP

Profa. Dra. Roberta Alexandrina da Silva
Instituição: Universidade Federal do Pará UFPA-PA



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Umpierre Carlan, Professor do Magistério Superior**, em 26/05/2022, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Alexandrina da Silva, Usuário Externo**, em 26/05/2022, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel dos Santos Funari, Usuário Externo**, em 26/05/2022, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0734864** e o código CRC **ECDD7FDC**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Alfenas pela oportunidade de fazer um curso de Pós-Graduação sem precisar me deslocar para outra cidade.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica pelo período de aprendizado que o programa me proporcionou.

Agradeço aos meus familiares que me apoiaram em meus estudos, aos amigos e professores pela compreensão em momentos difíceis.

Agradeço ao professor Cláudio Umpierre Carlan pela orientação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho pretende olhar para os gladiadores e entender como os conceitos romanos de infâmia e morte estavam presentes em suas relações sociais. Primeiramente analisamos os conceitos de infâmia e morte. O olhar desta análise está em fontes da epigrafia, pois o objetivo é compreender a partir de vestígios deixados por gladiadores e espectadores das lutas como eles se viam. Para isso usamos lápides funerárias encontradas em escavações na Espanha durante o século XX, refletimos sobre a infâmia como conceito jurídico em Roma na antiguidade e a historiografia sobre a gladiatura. A historiografia dos séculos XIX e XX analisa o tema dos gladiadores olhando para os aspectos políticos de Roma na antiguidade, interpretados numa teoria funcionalista. Aqueles que lutavam e os que assistiam foram entendidos como massa de ociosos que precisavam ser controlados. Algumas atividades eram consideradas, a partir da legislação romana, como profissões infames, entre elas, a gladiatura. Parte da historiografia dos séculos XIX e XX considerava que a violência dos anfiteatros ensinava, tanto os lutadores como os espectadores, a forma de ser e pensar romana. Deste ponto de vista, as lutas dos gladiadores tinham função de servir à ideologia do Estado romano. A infâmia de sua profissão acabava separando os gladiadores dos cidadãos, até mesmo na morte.

PALAVRAS-CHAVE: Gladiadores; Infâmia; Morte; Península Ibérica; Córdoba.

RESUMEN

El presente trabajo pretende observar a los gladiadores y comprender cómo los conceptos romanos de infamia y muerte estaban presentes en sus relaciones sociales. En primer lugar, analizamos los conceptos de infamia y muerte. La mirada de este análisis está en las fuentes de la epigrafía, porque el objetivo es entender a partir de las huellas dejadas por los gladiadores y los espectadores de las luchas cómo se veían a sí mismos. Para ello utilizamos lápidas funerarias encontradas en excavaciones en España durante el siglo XX, reflexionamos sobre la infamia como concepto jurídico en la Roma de la antigüedad y la historiografía sobre la gladiatura. La historiografía de los siglos XIX y XX analiza el tema de los gladiadores mirando los aspectos políticos de Roma en la antigüedad, interpretados en una teoría funcionalista. Los que lucharon y los que vieron las luchas fueron vistos como una masa de ociosos que necesitaban ser controlados. Algunas actividades se consideraban, según el derecho romano, profesiones infames, incluida la del gladiador. Parte de la historiografía de los siglos XIX y XX consideraba que la violencia de los anfiteatros enseñó, tanto a combatientes como a espectadores, la forma de ser y de pensar romana. Desde este punto de vista, las luchas de gladiadores tenían la función de servir a la ideología del Estado romano. La infamia de su profesión acabó separando a los gladiadores de los ciudadanos, incluso en la muerte.

PALABRAS CLAVE: Gladiadores; Infamia; Muerte; Península Ibérica; Córdoba.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	PENSANDO EM GLADIADORES PARA ALÉM DA CURIOSIDADE.....	12
3	APRESENTAÇÃO.....	19
3.1	Séculos XIX e XX e os olhares sobre Roma.....	21
3.2	Jogos e anfiteatros.....	25
4	INFÂMIA E MORTE.....	30
4.1	Córdoba.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Quando assistimos ou participamos de uma competição esportiva, seguimos regras para o desenvolvimento das atividades em que estamos envolvidos. Conhecer em detalhes o que se faz para que se possa ter competidores preparados é uma exigência; sem estar preparado não haverá um bom desempenho. Na antiguidade, ao se pensar em lutas de gladiadores, não era diferente. Não bastava ter uma quantidade de pessoas e jogá-las em uma arena para lutar. As lutas não eram realizadas fortuitamente.

Tito Lívio nos relata uma luta de gladiadores realizada na cidade de Roma no ano de 264 a.C., em homenagem a IVNIVS BRVTVS PERA, considerada o primeiro evento dessa natureza realizado no império romano. Esses jogos inicialmente não eram violentos. Estavam ligados ao religioso, sendo, portanto, de caráter sagrado. Em Roma adiciona-se a homenagem aos falecidos considerados ilustres. As lutas eram privadas e realizadas em arenas de madeira, no Fórum.

O imperador Otávio Augusto, no século I d.C., criou uma legislação para organizar os eventos realizados em anfiteatros. Essa legislação, por exemplo, marcava os lugares onde cada grupo poderia se sentar, quem seria responsável por sua realização, o material usado para construir os anfiteatros, que por sua vez tinham formas diferentes. Suas estruturas eram adequadas para jogos diferenciados, o que significa que não se realizavam os mesmos eventos em todos os lugares.

Os gladiadores eram basicamente escravos e condenados, mas também havia homens livres que se tornavam escravos temporários, através de contrato para que pudessem lutar nas arenas. Mulheres também lutaram, apesar de ser em número pequeno. Os gladiadores também eram divididos por categorias especializadas em vários tipos de armas. Recebiam treinamento e se profissionalizavam.

Ao assistir um espetáculo, havia espectadores que tinham admiração por um outro gladiador, tinham suas críticas e até mesmo sua impressão sobre outras pessoas que assistiam as lutas. Fora dos anfiteatros também manifestavam suas opiniões, algumas positivas, outras negativas e entravam em conflito. Variados grupos prestigiavam os eventos. Um fenômeno distante temporalmente de nós, aparentemente sem relação alguma com nosso presente, pode nos mostrar semelhanças e até mesmo heranças de sua época podem ser percebidas ao

olharmos atentamente quando estudamos sua história. Poderíamos encontrar muitas semelhanças entre a gladiatura e alguns esportes contemporâneos, assim como veríamos muitas diferenças. Existiria alguma razão para sua realização na antiguidade? Para alguns estudiosos, sim.

Durante os séculos XIX e XX estudiosos olharam para o passado romano e tentaram explicá-lo a partir de questões que se faziam nos momentos em que viveram e pesquisaram. Alguns conceitos da história desenvolvidos durante a formação dos Estados-nação e imperialismo europeu foram muito usados assim como a teoria funcionalista, da sociologia. Essas explicações não estão certas ou erradas, apenas tentam compreender um fenômeno antigo para responder suas perguntas.

As interpretações sobre a história da gladiatura em Roma perpassam a fronteira do racional, em muitos momentos, os relatos atingem o campo do fantástico, do maravilhoso. Em parte, a idealização desse fenômeno coletivo ocorre em razão da grandiosidade e da complexidade dos espaços reservados às lutas dos gladiadores, o que desperta a imaginação de seus observadores. Na tessitura dessas construções imaginárias, temos ainda a presença das famosas histórias de prisioneiros de guerra, criminosos, condenados ou escravos mercadoria que se tornaram homens abastados. Segundo essa visão histórico-romântica da gladiatura, esses indivíduos oriundos das camadas populares obtinham a liberdade e a riqueza após alcançar sucessivas vitórias na arena. Dessa maneira, a conquista da glória e da fama permitia ao gladiador administrar escolas de gládio – recebendo grandes quantias com a venda de escravos e a organização de espetáculos – ou desposar belas e ricas mulheres.

Em geral, as publicações sobre a história romana reservam dezenas de suas páginas ao relato de fatos pitorescos ocorridos nos combates. Muitos historiadores, atentos aos aspectos bizarros da gladiatura, centram-se na descrição de sangrentas batalhas e inauditos episódios desse espetáculo. Outros deslocam seu olhar para a revolta de Espártaco, alimentando o romantismo da corrente marxista que vê no conflito um exemplo de sublevação das massas. No entanto, apesar da aparente contradição dessas correntes, existe um ponto de contato entre elas que se faz perceber no disseminar da visão panis et circenses em suas exegeses sobre a gladiatura. Em ambas, o gladiador perde sua humanidade e sua agência no processo histórico atuando como um objeto a ser manipulado pelas elites aristocráticas. (SILVA, 2007, p.203).

Os estudos sobre a gladiatura, no decorrer dos séculos XIX e XX deixaram sua contribuição ao olhar para o império romano e buscar entender, mesmo que com interesses de responder as perguntas de seus próprios tempos, o fenômeno da gladiatura.

Porém, passagens de obras de autores eruditos serão entendidas como contrárias aos gladiadores e a gladiatura.

Alguns estudiosos viram nesses eventos violência, crueldade ou uma parte de um aparato estatal para impor sua ideologia aos povos bárbaros e punir os criminosos. Tudo isso terá suas consequências em como os gladiadores serão entendidos em nossa forma de pensar. Em nosso tempo a escrita exerce papel fundamental em nosso cotidiano. Em geral, parece que nosso olhar moderno não percebe com facilidade outras informações que não estejam escritas. Ao lermos os escritos de autores clássicos, parece-nos ter ali a segurança de informação confiável, pois está registrada em uma obra de erudição, assim outras fontes de informação acabam sendo deixadas como de pouco valor histórico. Assim, gladiadores são escravos que morriam para entreter um público que amava a violência e o sangue. Mas essa é apenas uma interpretação.

Interpretar o passado requer cuidado para não cometer anacronismo. Por essa razão, o primeiro capítulo desta pesquisa traz algumas reflexões sobre o trabalho feito pelo historiador. Ao pensar e escrever sobre história, usamos fontes selecionadas para as questões que nos colocamos. O olhar para o passado não deve ser para juízo de valor ou forçar a existência de ideias que sejam de nossa época. Isso é motivo suficiente para reflexões sobre qual a razão de se estudar e escrever sobre um tema. Esse capítulo pretende justificar e explicar brevemente quais os motivos da escolha feita para se tornar tema de pesquisa de um projeto de pós-graduação: As curiosidades e esteriótipos criadas sobre a gladiatura e suas possíveis influências no pensamento acadêmico.

No segundo capítulo apresentamos a gladiatura em termos gerais. A primeira luta de gladiadores realizada em Roma aconteceu no ano de 264 a.C. Este evento homenageou um homem considerado ilustre. As primeiras lutas eram mais simples, realizadas no fórum e tinham um caráter sagrado, em homenagens aos deuses ou a um falecido. Um evento semelhante ocorreu em Cartago Nova, península ibérica em 206 a.C., quando Cipião, o africano homenageou seu pai e tio que morreram na guerra contra Cartago. Não basta darmos datas em que lutas aconteceram, por isso olhamos alguns aspectos importantes para a realização de cada espetáculo ou jogos realizados em Roma.

O crescimento da popularidade de lutas de gladiadores e outros eventos públicos levou o imperador Augusto a criar uma legislação para organizar sua realização. O material a ser

usado nas construções de anfiteatros, as categorias das lutas e até os lugares das arquibancadas foram definidas a partir do século I. Os anfiteatros não tinham o mesmo tamanho. Ao falar deles, é preciso ter em consideração que eram construídos em lugares diferentes e com tamanhos diferentes. Os costumes e gostos locais poderiam ser decisivos para quais espetáculos seriam realizados. As estruturas dos anfiteatros não permitiam que fossem realizados todos os tipos de espetáculos. Em alguns não havia lutas de gladiadores, outros tinham as lutas, mas também era possível realizar uma naumáquia, em outros uma caçada.

Essas festividades não aconteciam de uma hora para outra, precisavam de muitas pessoas trabalhando para que fossem possíveis de acontecer. Sua realização dependia de recursos que vinham de pessoas de posses. As atividades relacionadas com essas festividades não eram realizadas por poucas pessoas. Os eventos em que se usavam animais demandavam grande quantidade deles para sua realização.

Durante a formação dos Estados-nação na Europa, a história e a arqueologia serão fundamentais para o processo de busca da identidade nacional. Conceitos criados durante o século XIX percorrerão todo o século XX como base para o pensamento de estudiosos, que se utilizarão também da teoria funcionalista, da sociologia. A historiografia desses séculos sobre a gladiatura trará alguns conceitos que serão questionados por outros estudiosos. Todo o debate e pesquisas acadêmicas desses dois séculos, nos levaram a pensar sobre o uso de fontes criadas por espectadores e suas interpretações sobre os gladiadores. Fontes epigráficas se tornam fundamentais para a realização deste trabalho.

O terceiro capítulo inicia com um questionamento quanto o olhar de hoje sobre questões do passado e se esse olhar não entraria em conflito de valores ao observar Roma antiga. Algumas profissões eram infames, ou seja, de má fama, má reputação, entretanto, eram procuradas.

Atividades infames estavam determinadas pelo ponto de vista jurídico. Não eram impedidas. O status jurídico da infâmia separava cidadãos daqueles que não possuíam cidadania romana, causando assim diferenças em como seriam vistos. Em caso de morte, uma pessoa considerada infame teria seu sepultamento em lugar diferente, distante dos cidadãos romanos, assim como também não tinham direito a se defender ou ser testemunha em processos judiciais. A gladiatura, como profissão infame, portanto sem status jurídico e

direitos, ainda que não impedindo que houvesse um status social, tinha suas consequências também no momento do sepultamento.

A força jurídica não significou a completa infâmia. Não se tirou esse peso de má reputação, talvez fosse impossível que se revertesse os efeitos das leis sobre a gladiatura, porém, do ponto de vista social, não só havia quem se interessava pelos gladiadores, como também entre as famílias senatoriais e outros grupos havia aqueles que se tornaram gladiadores temporários.

Mesmo com proibições para pessoas de famílias poderosas participarem de lutas nas arenas, o controle dos lugares dos assentos nas arquibancadas, a aparência resultante de ferimentos, ou a certa distância que os gladiadores eram mantidos sem poder ter qualquer direito, não foi o suficiente para impedir que pessoas de famílias tradicionais se interessassem pelo universo da gladiatura e se envolvessem de alguma maneira com ele.

Tendo em consideração que os gladiadores treinavam e lutavam com armas diferentes, que os tipos de lutas eram variados, os eventos realizados eram diferentes, os anfiteatros não eram exatamente da mesma forma e tamanho e que não eram todos preparados para todos os tipos de espetáculos que se realizavam, podemos perceber que não se trata de um tema simples. Qualquer estudo que se faça em história é complexo e rico, sendo portanto valioso para nossa compreensão das mudanças históricas e de cada recorte como sendo uma escolha que deve ser compreendida com um olhar científico, sem anacronismo ou juízo de valor.

Os gladiadores eram profissionais cuja vida não se resumia unicamente a lutar. Eram capazes de pensar sobre sua realidade, se adaptar e agir conforme as soluções encontradas em seu próprio tempo.

2 PENSANDO EM GLADIADORES PARA ALÉM DA CURIOSIDADE

Durante os estudos no ensino médio os capítulos dos livros didáticos sobre os romanos estavam entre os primeiros que nos interessavam. Quase não se falava sobre os gladiadores, mas sabíamos sobre spartacus na liderança de uma revolta de escravos. Essa revolta parecia-nos ser apenas como curiosidade. Quando iniciamos os estudos em história antiga durante a graduação não houve menção aos gladiadores. Iniciado o processo de pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso vários temas que se interligavam se mostraram instigantes para estudos. Os gladiadores não pareciam mais com algo curioso. Separamos a ideia dos gladiadores para estudar futuramente.

Após concluirmos a graduação, iniciamos as pesquisas para um projeto de pós-graduação. Encontramos muitos artigos referindo-se aos gladiadores. Foi preciso selecionar, com isso a quantidade de estudos que poderíamos utilizar se reduziu bastante. Em geral, os artigos pesquisados tratavam dos gladiadores como metáforas, outros artigos sobre a gladiatura traziam informações de estudos epigráficos. As informações eram repetitivas.

Fazendo a busca em artigos, descobrimos que a historiografia tem várias obras sobre as lutas em arenas. Encontramos algumas interpretações, porém, também nos pareceram repetitivas. Muito do que se estudou sobre Roma no fim dos séculos XIX e XX esteve ligado ao conceito de romanização, tendo como fundamento a teoria funcionalista. Os anfiteatros e as lutas realizadas eram vistos como um meio de se impor uma ideologia romana aos bárbaros.

As leituras de artigos sobre os estudos do século XIX, que traziam reflexões sobre a gladiatura nos indicam que os estudiosos trataram as arenas como um espaço onde a plebe seria mantida controlada, pois era ociosa. O Estado mantinha sua população desocupada sob controle, oferecendo espetáculos e algumas vezes pão para que essa plebe não se revoltasse causando problemas ao governo romano.

As lutas de gladiadores e os anfiteatros serviam para impor identidade romana. Se constituí como dualidade: imperador/plebe, romanos/bárbaros, cidadãos/criminosos. A identidade romana seria exposta, aprendida por quem assistisse aos combates e assim a hierarquia e funcionamento da sociedade romana seriam aprendidos e reproduzidos. Os

romanos estavam civilizando povos bárbaros. Os aspectos políticos da Roma antiga eram analisados. Espetáculos oferecidos em teatros, anfiteatros e circos tinham funções. Gladiadores eram vistos como pessoas que estavam cumprindo uma função.

Interpretações gerais sobre os combates a sua aparição até sua extinção (quase seis séculos separam a primeira da última luta), a ideia de uma manobra política da elite para divertir a plebs e mantê-la afastada das decisões, seu papel na constituição da identidade romana em oposição à bárbara, sua importância dentro das festas religiosas e triunfos, a expressão do poder romano por meio das lutas entre gladiadores de diferentes etnias (em outras palavras, a ideia de romanização aplicada aos combates), além de mais recentemente, uma preocupação com a violência, são temas que aparecem com mais ou menos ênfase nos trabalhos de classicistas que se dedicaram a estudar a arena romana (GARRAFFONI, 2005, p 34-35).

Essas explicações trabalham de forma geral a gladiatura. Ao ler alguns textos da historiadora Renata Senna Garraffoni, especialista no tema, começamos a pensar em uma nova opção de interpretação e pesquisa sobre os gladiadores. Suas ideias foram fundamentais para que pudéssemos investir um pouco mais de tempo em estudar sobre os gladiadores. Ela apresenta diversas pesquisas realizadas nos séculos XIX e XX sobre o tema e o aborda utilizando-se de fontes da história, arqueologia e epigrafia. Segundo essa pesquisadora, os autores de diversos trabalhos usaram muitos textos produzidos pela elite romana, de tempos diferentes e os trataram como fontes atemporais. Nessa perspectiva, conceitos como “plebe ociosa” e “pão e circo” apresentam os espetáculos usados como maneira de controlar essa massa, pois poderiam se tornar um risco caso se revoltassem contra o poder instituído. Como ficava desocupada o dia todo, o Estado oferecia espetáculos e distribuía comida para mantê-la sob controle.

A partir desse ponto, algumas reflexões sobre o trabalho do historiador se fizeram necessárias. Ao tratar de temas de história, fazemos recortes. Isso se dá não somente pelas questões práticas da profissão, mas por interesses diversos. Trabalhamos com discursos, memórias, preferências pessoais, interesses de pessoas do grupo social ao qual pertencemos, curiosidade etc. Isso nos obriga a usar fontes. Ao selecionar um tema e um recorte, também escolhemos fontes significativas para as questões postas por

nossas inquietações. As fontes usadas por um historiador não foram criadas por pessoas que esperavam que no futuro fossem encontradas, como se fossem predestinadas para determinado historiador. É preciso analisá-las e fazer a escolha daquelas que são fundamentais para o estudo que se pretende fazer. Cada material que consideramos como fonte tinha a razão de ser em seu próprio tempo, que pode não significar a mesma coisa para nós no presente.

Para os estudos de História há a necessidade de usar os mais variados tipos de fonte. Pesquisar unicamente em documentos escritos em papel limitaria muito nossas pesquisas. É comum que historiadores da antiguidade dialoguem com ciências como a arqueologia, heráldica, epigrafia, paleografia e numismática. O trabalho científico não está isolado em uma disciplina. O historiador não é o cientista que se fecha no seu campo de trabalho. Profissionais da área de história também realizam suas pesquisas buscando conhecimento de outros campos.

As análises feitas em fontes diversas não se submetem ao simples confirmar o que está escrito, por isso a liberdade de se perguntar sobre o que está nas fontes é benéfica e necessária. Por esse olhar, um grafite ou uma moeda, por exemplo não são tratados como algo qualquer. Isso passa despercebido aos olhos de muitas pessoas.

Um objeto pode trazer informação ou mensagem e despertar o interesse em se compreender do que se trata. Para exemplificar, pensemos rapidamente em uma moeda.

Se eu usar uma moeda para fazer perguntas, isso não traria problema ao meu trabalho? A razão da existência de uma moeda não é para uso econômico? Quando se fala em moedas, imediatamente se pensa em questões econômicas. Não é errado pensar assim, já que em nosso tempo essa é a função da existência das moedas e cédulas. A maioria das pessoas desconhece que seu dinheiro pode ser usado em outras atividades que não sejam somente econômicas. Um olhar atento a isso exige conhecimento e curiosidade. “A primeira impressão, portanto, é que a numismática seja o estudo da História econômica e financeira, o que não está errado, mas não abrange todo o universo de preocupações do estudo numismático.” (CARLAN, FUNARI, 2012, p 17).

Para ter o uso econômico validado, é preciso seguir um modelo; as moedas só têm valor quando emitidas por ordem de um poder político, que garante que seu uso é legítimo. Na antiguidade era cunhada por ordens de reis, imperadores ou até mesmo de outras formas de poder tais como o Senado, durante o período republicano romano. A moeda deve ser feita com metal, deve ter pesos, imagens e legendas padronizados; são feitas em série, portanto vários exemplares; tudo isso garantido pelo poder que mandou emitir. Isso garante seu uso econômico.

Na antiguidade a maioria das pessoas era analfabeta. Então não era estranho que mensagens chegassem a muitas pessoas através do uso de imagens. É comum que se use elementos do cotidiano nas amoedações, que trazem algum tipo de identificação com a população que usará a moeda. As impressões não foram escolhidas como simples decoração.

Também no século XX, a maioria das pessoas era analfabeta, portanto as informações chegavam a muitas pessoas por meio da oralidade e das imagens. O meio de atingir um número maior de pessoas era fazer circular entre o povo as mensagens que se desejasse que fossem transmitidas. As moedas tinham a vantagem de circular por todo o território levando impresso a ideia que se queria transmitir. Quantas pessoas têm as informações que uma moedinha poderia trazer em si mensagem? Quantos se interessam por observá-las? Entretanto, ainda são cunhadas e acabam passando despercebidas por muitas pessoas. Se pensarmos em outros tipos de materiais, também poderemos perceber que muitos conhecimentos passam por nós todos os dias e não os percebemos.

Figura 1 - Moeda comemorativa do aniversário do Coliseu



Fonte: JAFETNUMISMATICA. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fjafetnumismatica.com.br%2Fcoliseu-de-ro%2F&psig=AOvVaw2OWwO4mdCgUffU5E1Onp&ust=1635873355590000source=images&cd=vfe&ved=0CAsQjRxqFwoTCPJTxaXV9_MCFQAAAAAdAAAAABAD

Moeda comemorativa do aniversário do Coliseu, Roma. Há poucos exemplares. Quando o amphitheatrum flavium foi inaugurado, o imperador Tito mandou cunhar uma moeda em comemoração. Réplica da cunhagem de Tito. Moeda de 2002, Euro. A iconografia traz a imagem da fachada do Coliseu.

As ruínas desse anfiteatro ainda estão em Roma e podem ser visitadas, imagens podem ser encontradas na internet facilmente, porém uma representação foi feita em moeda. As memórias que essas ruínas trazem vão além de uma construção em uma cidade.

O Coliseu faz parte da história dos romanos. Hoje Roma pertence a um país chamado Itália, portanto considerado como “parte da história dos italianos”. Sua existência traz memórias, sentimentos quem têm significados para os italianos, assim como outros anfiteatros podem trazer para outras populações de países onde também foram construídas estruturas parecidas. Algumas pessoas podem sentir rejeição por esse espaço, outras, admiração, paixão ou outro sentimento. Algumas pessoas podem se sentir indiferentes. Sentimento e imaginação não podem ser controlados ou impedidos, assim como interpretações sobre o que um anfiteatro como o Coliseu pode significar para quem o conhece. A herança histórica é um patrimônio de imenso valor para pensar nosso mundo hoje.

Imaginar que milhares de homens, mulheres, crianças e idosos das mais diferentes etnias, condições sociais e status jurídico subiram as mesmas escadas e se acomodaram em seus respectivos lugares para assistir a um bom combate, a uma inesquecível caçada, a uma impressionante naumáquia, a execução de criminosos ou simplesmente para encontrar e, até mesmo com um pouco de sorte, flertar é para nós, hoje, no mínimo diferente. Como vivemos em um mundo de pós-guerra no qual ainda estão presentes as feridas abertas pelo nazismo e fascismo, a violência, a ditadura, a pena de morte, os castigos físicos e, mais recentemente, o terrorismo, são questões que circulam nos meios de comunicação e os debates acerca dos direitos humanos sempre ocupam as páginas de jornal e revista, além de estarem constantemente nos noticiários da televisão. Em um momento histórico no qual a violência é questionada e tida como algo que deve ser denunciado e extirpado, em que a paz social é almejada e a proteção aos animais e a Natureza criam novos estilos de vida, pensar que, em uma época, centenas de homens e animais eram mortos nas arenas romanas causa um certo desconforto em nosso mundo contemporâneo. (GARRAFFONI, 2005, P.38).

Os desconfortos causados por temas difíceis, às vezes, se tornam disputas políticas, ideológicas e até mesmo, religiosas. Não significa que qualquer período seja somente bom ou ruim, mas que interpretações diferentes têm razões distintas para coexistir. Nosso tempo tem sido marcado por questionamentos e movimentos que se dizem contra a violência. Fala-se, por exemplo de combate ao racismo, da violência contra as mulheres, crianças e idosos, de maus-tratos aos animais e de preservação da natureza. São temas sensíveis, assim como há outros tão necessários e difíceis de lidar. Ao olhar para o passado para entender o presente, corre-se o risco de projetar para outro tempo pensamentos que estão em voga em nossa época. Eventos como lutas de gladiadores podem causar estranhamento em muitas pessoas.

No decorrer de nossos estudos, percebemos que alguns estereótipos sobre Roma, especialmente relacionados aos combates nas arenas (embora não especificamente sobre os gladiadores), como por exemplo “pão e circo” e “plebe ociosa” ainda estão presentes em algumas falas, principalmente quando se fala de assuntos de política. As pesquisas aos poucos foram desmanchando pensamentos que tínhamos em concordância com essas maneiras de se referir aos romanos.

Durante as leituras e as reflexões decorrentes delas, a ideia de pão e circo, foi se desfazendo. Por exemplo, em alguns momentos, pessoas de uma determinada posição política podem discordar de outras que tenham uma ideia diferente. Acontecimentos, como um grande evento ou uma notícia muito comentada podem ser usadas como uma distração para manter a população longe das decisões. Essa maneira de falar traz consigo a ideia de que pessoas estão sendo mantidas longe de assuntos importantes, na ignorância de algo que pode ter consequências negativas em suas vidas.

O problema com essa ideia está em pensar que as arenas eram apenas uma distração para uma massa desocupada. Quando falamos de Roma antiga, não se pode generalizar e estereotipar pessoas que pensavam e viviam de acordo com as crenças e valores de sua época. Suas maneiras de viver eram diferentes das nossas. Isso não significa que todas as pessoas que viveram no império romano pensavam ou se comportavam de uma maneira idêntica. Ao estudar e nos questionarmos podemos perceber que qualquer característica desse período não tornava as populações de diversos lugares como uma imensa massa vivendo de forma homogênea. Suas vidas não eram um ciclo de espetáculos, que os impedia de pensar e atuar na sua própria realidade

Todas essas reflexões até aqui comentadas nos fizeram pensar nas palavras infâmia e morte como conceitos presentes em todo o processo de estudos. Decidimos que estudaríamos esses conceitos, assim começamos a criar um projeto. Nesse trabalho não há intenção alguma de fazer qualquer tipo de juízo de valor sobre Roma antiga, a gladiatura ou temas contemporâneos que surjam como reflexões de nossos estudos.

3 APRESENTAÇÃO

A notícia que temos sobre a primeira luta de gladiadores realizada em Roma vem com o historiador romano Tito Lívio, no ano de 264 a.C., em homenagem a Ivnivs Brvtvs Pera. Há historiadores que defendem que os jogos e as lutas realizadas em Roma teriam se iniciado na Grécia, sendo modificados pelos etruscos e posteriormente adaptados pelos romanos. Esses jogos inicialmente não eram violentos. No caso etrusco, havia homens livres e escravos. As competições eram de corrida de carros, caçadas e desfile de “cavaleiros”. Estavam ligados ao religioso, sendo, portanto, de caráter sagrado. Em Roma adiciona-se a homenagem aos falecidos considerados ilustres. As lutas eram privadas e realizadas em arenas de madeira, no Fórum. Aos poucos vão se tornando populares.

Na Península Ibérica também houve eventos assim. No ano 206 a.C., Cipião, o africano, realizou lutas de gladiadores em homenagem ao seu tio e seu pai que morreram na guerra contra Cartago. Foram realizadas em Cartago Nova.

Com a legislação do imperador Otávio Augusto, no século I d.C., os anfiteatros passaram a ser construídos com pedras, próximos às muralhas. Essa legislação, por exemplo, marcava os lugares onde cada grupo poderia se sentar, quem seria responsável pela realização de espetáculos, o material usado para construir os anfiteatros, que por sua vez tinham formas diferentes (oval, circular e elíptico) e funções (naumáquias, caçadas, lutas de gladiadores, lutas com animais). Estavam espalhados por todas as províncias do império.

Os gladiadores eram basicamente escravos e condenados, mas também havia homens livres que se tornavam escravos temporários, através de contrato para que pudessem lutar nas arenas. Também houve gladiadoras, apesar de ser em número pequeno. Eram divididos por categorias especializadas em vários tipos de armas.

Os espectadores tinham suas próprias percepções dos jogos. Ao assistir as lutas, havia manifestações dentro e fora do anfiteatro, ou seja, ao assistir um espetáculo, havia espectadores que tinham admiração por um outro gladiador, tinham suas críticas e até mesmo suas impressões sobre outras pessoas que assistiam as lutas. Fora dos anfiteatros, essas manifestações também se davam por meio de grafites, pelos quais se registravam as opiniões diversas sobre os gladiadores. Outras manifestações também ocorriam por meio de mosaicos, bonecos, pinturas em cerâmicas, epitáfios, além dos anúncios destes eventos.

Como as lutas de gladiadores ocorriam por todo o império romano, havia variados grupos que prestigiavam os eventos, há uma quantidade considerável de materiais epigráficos sobre a gladiatura produzido no cotidiano das pessoas que se interessavam pelas lutas.

Havia espectadores que demonstravam sua predileção por um ou outro gladiador. Produziam grafites expressando suas opiniões. Esses desenhos constam de figuras de gladiadores lutando, ou isolados. Trazem suas armaduras, armas, e, às vezes, representados lutando entre si ou com animais. Até mesmo sangramentos causados por ferida durante as lutas são representados nesses grafites. São encontrados também mosaicos e outros materiais com representações de lutas. Esse tipo de material é encontrado em espaços próximos aos anfiteatros.

Autores romanos, homens de diversos períodos escreveram sobre a gladiatura. Os gladiadores são usados nesses textos de formas diferentes, por exemplo em alguns momentos como metáfora e em outros em situações cômicas. Nos textos produzidos, encontramos imperadores sendo citados em suas relações com as lutas.

A quantidade de anfiteatros espalhados pelo império levou vários espectadores a assistir e se manifestar de alguma forma sobre o que presenciavam. Quando algum gladiador morria, em vários casos, seus colegas, esposas e filhos (alguns se casavam e tinham filhos) dedicavam epitáfios com informações do nome do gladiador, sua escola, em alguns casos sua região de origem, quantidade de lutas, vitórias, derrotas e idade.

Ser gladiador era uma das profissões consideradas infames. Infâmia era um conceito jurídico que determinava que algumas profissões não tinham prestígio, sendo, portanto, consideradas como profissões inferiores. Atores, prostitutas e gladiadores estavam entre tais profissionais.

Era preciso grande quantidade de pessoas para realização das lutas nos anfiteatros. Atividades como, comprar ou alugar gladiadores, preparar suas armaduras e armas, transportá-los, cuidar de sua alimentação, treino, limpar e acertar areia nos intervalos das lutas, fazer propaganda e segurança dos anfiteatros durante os eventos, precisava de muitas

peessoas trabalhando. Os olhares se voltavam para as lutas. Havia aquelas em que existiam mortes e outras que não. Quando um gladiador morria, era sepultado em local separado.

Morrer de forma honrada era algo reservado para cidadãos e militares. Ao lutar nas arenas, os gladiadores poderiam ter algum status, fama ou honra, mas tratando-se de um reconhecimento social pelos seus feitos, o que não lhes tirava da condição de escravos ou condenados.

3.1 Séculos XIX e XX e os olhares sobre Roma

Nos fins do século XVIII e durante o XIX, a Europa passava pelo processo da formação dos Estados-nação. Os países europeus buscaram suas origens. Assim poderiam constituir seu território, língua, povo, cultura e instituições, pois ao encontrar os elementos originários de cada país poderiam legitimar sua existência como nação. Durante esse período a arqueologia e a história se desenvolveram e foram vistas como necessárias à busca da identidade nacional.

Os primeiros arqueólogos trabalharam com civilizações antigas, como por exemplo Assíria, Egito e Israel. Aos poucos, com o avanço das escavações, outras civilizações foram trabalhadas. A história também se tornou ciência no século XIX. Os países europeus estavam em busca de sua identidade, portanto a história se torna fundamental nessa busca. Arqueologia e história conquistam os espaços acadêmicos e teorias interpretativas sobre a história foram criadas.

O imperialismo, nacionalismo, desenvolvimento de novas ciências e teorias sociais se fundamentaram em ideias evolucionistas, argumentando que à semelhança da evolução biológica, há evolução das sociedades, sendo que os europeus seriam os primeiros a alcançar os níveis mais altos de civilização. Acreditavam que deveriam civilizar os povos atrasados.

A formação do Estado-nação alemão levou à criação dos conceitos de helenização e romanização. Segundo o conceito de helenização, Alexandre, o grande levou a cultura grega através de suas conquistas. Essa cultura se encontrou com culturas do oriente e as modificou. Esses encontros culturais deram origem ao helenismo.

O resultado desse encontro foi um império com predominância dos elementos culturais gregos sobre as demais culturas e uma união que trouxe estabilidade aos povos conquistados. A romanização foi a formação do império romano, que levou a república aos seus domínios, tendo o latim como língua unificadora. Os bárbaros aprendiam a viver como um romano. Esse conceito foi usado também em outros países.

Quando se fala de um “mundo helenizado”, estão sendo colocados alguns critérios para sua existência. Alexandre, ao conquistar diversos povos, estava levando a civilização. Algumas características eram cidades seguindo um modelo grego, com ginásio, templos aos seus deuses, educação e iniciação aos costumes gregos. A língua foi fundamental nesse processo. Com isso entende-se que o helenismo foi uma civilização com bases culturais gregas. Processo semelhante teria sido o de romanização. Entendia-se que os romanos, primeiramente com as legiões, levaram sua forma de viver, instituições e língua aos povos que conquistaram e assim os levou a um novo momento civilizacional, mais avançado que os bárbaros. Quais teriam sido os resultados de tudo isso? Os povos conquistados perderam parte significativa de sua própria cultura em troca de receber a maior parte da nova cultura que estava chegando. Os líderes locais aceitaram essa nova forma de viver com a qual passavam a ter contato, assumindo os novos valores, costumes e pensamentos. Ao longo do processo, houve aqueles que não aceitavam abrir mão de suas tradições e costumes a favor de novas com os quais não se identificavam.

O conceito de romanização dizia que Roma teria civilizado povos bárbaros na antiguidade e os ingleses, por ascendência bretã eram herdeiros da missão civilizacional romana. As interpretações e estudos produzidos sobre o fenômeno da gladiatura no século XIX estavam ligadas às ideias aceitas nesse período. Propunha-se que a população do império romano era composta por multidões que não gostavam de trabalhar.

Roma oferecia espetáculos, como, por exemplo caçadas e lutas de gladiadores juntos com distribuição de pães para entreter esse público, sendo esse fator considerado uma das principais causas para a “queda” do império. Os conceitos de “plebe ociosa” e “pão e circo” são criados e são fundamentais para explicar as causas do atraso de civilização fora da Europa. Essa interpretação perpassa todo o século XX. Boa parte dos

estudiosos deste século deram suas explicações através da teoria funcionalista.

Ao fim da II Guerra Mundial, o olhar passou a estar centrado na violência dos espetáculos. A plebe era pobre, desocupada, atraída por sangue e violência, reforçando assim a ideia de ociosos. Como se vivia um momento recente de muita violência, a historiografia estava em busca da compreensão deste problema.

Durante as décadas 60 e 70, os estudos se voltam para uma nova perspectiva: o conflito político entre imperador e plebe. Os historiadores desse período se baseiam principalmente em interpretações que dialogam com sociologia. A partir daqui a plebe não é mais uma massa ociosa, mas um grupo que leva suas demandas para as arquibancadas.

A ideologia estatal, representada nos jogos nas arenas (os espetáculos faziam parte do aparato ideológico do Estado. Homens civilizados contra selvagens, bons cidadãos sendo recompensados e criminosos sendo castigados são algumas das ideias que se tinham nesse momento sobre os significados das arenas) entra em conflito direto com as reivindicações da plebe, que por sua vez desafia o poder imperial em busca de melhoras em benefício da população pobre. Nas décadas de 80 e 90, a violência das arenas passa a ser interpretada em conjunto com os fatores culturais e seus significados. Entendia-se que a sociedade romana era altamente escravizada e militarizada. Então a gladiatura passa a ser vista como um fator cultural de grande peso para a sociedade romana.

O grande problema de todos esses estudos é: não investigar sobre o cotidiano dos gladiadores usando outras fontes que não fossem somente textos eruditos sobre este assunto.

Apesar da particularidade de cada estudo, grande parte destes autores ressaltou o valor pedagógico dos combates de gladiadores. As arenas romanas tornaram-se, então, um local simbólico em que valores como bravura, força, disciplina e punição aos crimes eram expostos e reafirmados. Embora tenha resumido aqui um debate historiográfico muito mais complexo, optei por apresentar este recorte para ressaltar uma característica comum entre os estudos que se referem aos combates de gladiadores: em sua grande maioria as interpretações estão fundadas em fontes literárias e nas visões das elites romanas sobre os espetáculos, dispensando, portanto, pouca atenção às concepções e anseios dos espectadores das camadas populares e dos próprios gladiadores, além de criar uma imagem nem sempre favorável dos combates.

Muitos podem argumentar que é difícil recuperar as opiniões destas camadas da população romana, pois as fontes foram escritas por membros da elite. Se por um lado a literatura restringe a busca pelas opiniões dos populares ou comentários dos próprios gladiadores, por outro a Epigrafia constitui um rico campo a ser explorado. Lápides funerárias erguidas por amigos ou parentes

dos gladiadores que pereceram e os milhares de grafites parietais rabiscados nas diferentes cidades romanas são dois exemplos de expressão popular que podem ajudar a compor quadros interpretativos distintos dos produzidos por uma historiografia mais tradicional.

Neste sentido, acredito que seja importante tecer alguns comentários sobre estas duas categorias distintas de fontes epigráficas e explorar, mesmo que brevemente, suas potencialidades para uma análise mais plural, tanto das visões sobre os combates de gladiadores como para o estudo da vida cotidiana de lutadores profissionais que treinavam e se esforçavam ao máximo para a realização do espetáculo. (GARRAFFONI, 2005, p.248).

As fontes utilizadas para tais explicações foram textos escritos em diferentes épocas, produzidos por homens das elites romanas. Essa produção de escritos foi tratada como sendo de um período só, isto é, como se todos os escritores que se referem à gladiatura tivessem escrito num mesmo momento e pensassem da mesma maneira. Alguns autores romanos foram utilizados a partir dessas interpretações, sendo, portanto, necessário analisar e criticar as leituras realizadas até então desses autores, considerados por alguns historiadores como contrários aos gladiadores.

As fontes arqueológicas e epigráficas dão visibilidade ao cotidiano dos gladiadores. Essas pessoas ficavam alojadas em locais pertencentes aos seus Dominus. Nesses lugares dormiam, se alimentavam e treinavam em pequenas arenas, que também serviam para exposições em ocasiões especiais para seus donos. Em alguns casos, gladiadores compravam sua liberdade, outros se casavam e poderiam ter filhos, mas era coisa para poucos. Não passavam seu tempo exclusivamente em lutas.

Grafites e lápides são encontrados em diversas regiões que fizeram parte do império romano. Essas fontes trazem informações sobre lutas, armas, mas também sobre o cotidiano dessas pessoas. Seus desejos, visão de mundo, amizades e outras características de seu cotidiano são representadas. É essa vida complexa, que também envolve as lutas que a historiografia tradicional não se atentou.

Para se realizar as lutas, além de arenas adequadas aos jogos, era preciso que membros das elites locais ou imperiais doassem os recursos, outros ficariam responsáveis pelo cuidado com as roupas e armas usadas, outros pelo transporte dos gladiadores; havia também quem cuidava de comprar ou alugar gladiadores, pessoas responsáveis pelos seus treinamentos, sua alimentação e até mesmo pessoas responsáveis por acertar a areia das arenas no intervalo entre lutas, fazer propaganda e segurança dos anfiteatros durante os eventos. Também havia aqueles que poderiam fazer contratos para poder treinar e lutar como gladiadores (esses contratos eram para pessoas da elite, membros de famílias senatoriais) e casos previstos para que mulheres pudessem se tornar gladiadoras. Todas essas práticas estavam previstas na legislação do imperador Augusto.

Se a realização dos combates em si já demandava tantas pessoas e trabalhos, sendo, portanto algo complexo, não dependendo da vontade de alguns, poderemos observar que o cotidiano dessas pessoas e sua formação como gladiadores eram igualmente complexos.

Muitas vezes, quando pensamos nos gladiadores, a primeira imagem que nos vem à mente é a luta na arena. E raramente paramos para refletir que este é apenas um momento de suas vidas. Esquecemos que esses profissionais viveram e, por viverem, tinham desejos, paixões e sonhos.

Os grafites parietais, assim como as lápides, constituem categorias documentais ímpares para capturarmos fragmentos desses fenômenos efêmeros e, além disso, nos fazem refletir sobre a importância do papel da Epigrafia no estudo dos combates de gladiadores. A análise de tais documentos fornece dados interessantes para repensarmos em modelos interpretativos mais tradicionais, fundamentados somente em fontes escritas, em que os gladiadores e os espectadores são mostrados como uma massa amorfa e sem vontade própria. (GARRAFFONI, 2005, p.259).

A variedade de fontes nos ajuda a entender um pouco da complexidade do tema estudado. Ao criticar os estudos tradicionais não se descarta o que foi produzido, mas entende-se que para chegar a este ponto crítico, houve a contribuição dos estudos realizados anteriormente. Os estudos tinham como ponto de partida uma visão geral, mas agora se complexifica o problema dando visibilidade a fatores diversos do cotidiano que contribuem para se compreender a gladiatura.

3.2 Jogos e anfiteatros

Em Roma era costume realizar-se festas e jogos em homenagens aos deuses, mas também poderiam ser motivos de celebração a conquista de uma cidade, aniversário de Roma, celebração de um casamento, homenagem a pessoas ilustres, inauguração de um prédio público, uma conquista militar. Esses eventos contavam com corridas de carros, lutas de gladiadores e lutas com animais. Inicialmente as lutas de gladiadores eram realizadas nos fóruns, em anfiteatros de madeira.

Essas festividades não aconteciam de uma hora para outra, como se apenas bastasse a vontade de algumas pessoas. Não era suficiente ter alguns gladiadores e levá- -los para lutar. Esses eventos precisavam de muitas pessoas trabalhando para que fossem possíveis de acontecer. Os magistrados tinham suas obrigações com suas localidades, sendo que a realização de espetáculos era uma dessas obrigações, isso significa que tinham que arcar com

os custos. As doações de recursos vinham de pessoas de posses. As atividades relacionadas com essas festividades não eram realizadas por poucas pessoas. Havia pessoas responsáveis por treinar os gladiadores, mas também era preciso quem cuidasse de suas roupas, armas, proteção, assim como aqueles que os compravam ou alugavam para as lutas. Outras pessoas ficavam responsáveis por seu transporte. Ao chegar em um anfiteatro, era preciso que houvesse um lugar onde pudessem estar seguros e não fugissem. Durante as lutas, algumas pessoas cuidavam de acertar a areia, tirar corpos de gladiadores e animais mortos, no caso de lutas entre animais, às vezes, provocá-los. Outros indivíduos ficavam aos cuidados da segurança e controle da entrada de espectadores. Outras pessoas faziam a propaganda do acontecimento. Essas são algumas das atividades necessárias para a realização de qualquer evento realizado em anfiteatros. Os eventos em que se usavam animais demandavam grande quantidade deles para sua realização. Era preciso realizar caçadas para que houvesse animais suficientes.

No circo também havia a montagem de “cenários reais”, onde se realizava uma “caçada” aos animais. Em alguns casos eles eram pintados de vermelho e eram caçados. Ao fim, os animais mortos eram dados ao público, para que pudesse consumir sua carne. Os animais sobreviventes eram mortos, pois o objetivo desse jogo era a morte de todos os animais, mas também havia eventos em que os animais eram expostos ao público sem ser mortos.

Nos anfiteatros havia lutas entre animais e animais, e animais contra caçadores, que serviam como uma espécie de “abertura” para as lutas entre os gladiadores, que por sua vez também eram uma espécie de preparação para a luta principal. Após as lutas iniciais vinham as lutas em que gladiadores também poderiam lutar com animais, com cenários montados especialmente para essas ocasiões. Não havia limite de animais e poderiam fazer as mais diversas combinações possíveis de lutas. Não acontecia somente com tigres ou leões. Pequenos e grandes animais como o touro, urso, rinoceronte e elefante participavam nessas lutas.

As lutas entre animais não contavam sempre com a presença dos gladiadores. Quando participavam, deveriam matar os animais. Às vezes usavam um escudo, uma espada curta, lança e cães para ajudar. Em outras ocasiões enfrentavam os animais sem proteção. Deveriam

usar a lança ou espada para matar. Havia, nessas ocasiões, pessoas que provocavam e queimavam os animais com tochas. Também colocavam bonecos de palha para que fossem chifrados. Um deles deveria morrer na luta e o animal vencedor era morto por um dos lutadores (gladiador ou caçador).

Se conocen algunas particularidades de las luchas contra los toros en la arena de los anfiteatros. El modo de matarlos, generalmente, como se ha indicado, era traspasarlos con la lanza, aunque también se utilizaba la espada corta y para la defensa el escudo. Para enfurecerlos se les quemaba la piel con antorchas (Marc. Spect. XIX 1), o los taurocentae, citados en alguna inscripción, los provocaban con arponcillos. A veces se colocaba un maniquí de paja (homo faenus) contra el que descargaban los animales sus primeras acometidas y que volteaban por el aire. (BLÁZQUEZ MARTINEZ, 1987, p.2)

Outra coisa que é muito comum de se pensar é o caso dos cristãos jogados nas arenas. Cita-se a presença de leões, como se esse fosse o único animal a ser usado, mas constantemente usava-se também o touro, que por sua fúria matava os cristãos, além de outros animais que os matavam e alguns os devoravam.

Desde o século I os cristãos eram perseguidos, porém essas perseguições não foram realizadas por todos os imperadores. Alguns imperadores interrompiam as perseguições durante seus governos, dando assim, por algum tempo, um pouco de paz aos cristãos. É importante sempre ter em mente que o cristianismo não foi a única religião perseguida. Entre os fatores que os levavam a ser perseguidos está a questão do monoteísmo; o não cultuar os deuses e até mesmo ao imperador era considerado algo perigoso. Os deuses eram considerados protetores, aqueles que fizeram Roma ser grande, portanto rejeitá-los poderia trazer algum tipo de punição. Não cultuá-los era como uma ofensa, portanto quem os rejeitava deveria ser considerado como perigo à sociedade romana. No caso do culto ao imperador poderiam ser considerados como ameaça à ordem. Várias eram as acusações que se faziam contra os cristãos, tais como: ateísmo, prática de canibalismo ou rebeldia. Portanto, “para aqueles que os perseguiram, havia motivos”.

En las actas de los mártires cristianos se leen varias veces relatos de mártires arrojados a los toros en el anfiteatro. En el año 177, en el anfiteatro de Lyon, según la carta de las iglesias de Lyon y Viena, conservada por Eusebio, en su Historia Eclesiástica, obra redactada en época de Constantino, Blandina,

«después de los azotes, tras las dentelladas de las fieras, tras la silla de hierro al rojo vivo, fue finalmente encerrada en una red y soltaron contra ella un toro bravo, que la lanzó varias veces a lo alto. Mas ella no se daba ya cuenta de nada de lo que se le hacía...

En el año 202, durante la persecución del emperador Septimio Severo, fueron sacrificados en el norte de África las santas Perpetua, Felicidad y sus compañeros procedentes de Thurburbo Minus. La descripción del martirio se conoce por el escrito de Tertuliano, que dice así: Mas contra las mujeres preparó el diablo una vaca bravísima, comprada expresamente, contra la costumbre, emulando aún en la fiereza, el sexo de ellas. Así pues, desnudadas y envueltas en redes, eran llevadas al espectáculo. El pueblo sintió horror al contemplar a la una, joven delicada, y a la otra recién parida, con los pechos destilando leche. Las retiraron, pues, y las vistieron de unas túnicas. La primera en ser lanzada en alto fue Perpetua, que cayó de espaldas.

Durante la Gran Persecución de Diocleciano (303-311), la más sangrienta de todas, el historiador de este suceso, Eusebio, contemporáneo de los acontecimientos que narra, escribe al referirse a los mártires de Tiro en Palestina: Inmediatamente después de los azotes seguían el combate con las fieras carniceras, y allí era de ver las arremetidas de los leopardos, de osos de diferentes especies y jabalíes y toros enfurecidos por hierros candentes.

Los juegos de anfiteatro en los que participaban toros eran también de otro tipo, como indica una terracota procedente de África, hoy conservada en el Museo del Louvre: un cebú lleva sobre sus lomos una mujer desnuda condenada a ser expuesta a las fieras (*damnatio ad bestias*) con las manos atadas a la espalda, el cebú se ha arrodillado y un felino ha saltado sobre la cruz y se dispone a morder el cuello de su víctima. El venator se ha acurrucado entre el cuello del animal y el escudo circular en espera del momento propicio para atacar a la fiera.

(BLÁZQUEZ MARTINEZ, 1987, P.4).

Os anfiteatros não tinham o mesmo tamanho. Ao falar deles, é preciso ter em consideração que eram construídos em lugares diferentes e com tamanhos diferentes. Os costumes e gostos locais poderiam ser decisivos para quais espetáculos seriam realizados. As estruturas dos anfiteatros não permitiam que fossem realizados todos os tipos de espetáculos. Em alguns não havia lutas de gladiadores, outros tinham as lutas, mas também era possível realizar uma *naumáquia*, em outros uma caçada.

A uma primeira vista os anfiteatros de pedra parecem ter uma mesma estrutura, já que são formados por uma arquibancada, arena e *podium*. No entanto, a partir de uma análise detida percebemos as diferenças. Durante o processo de construção de um anfiteatro é preciso adaptar as técnicas conhecidas à topografia da cidade às condições econômicas daquele que está arcando com as despesas, por exemplo. Estes dois fatores são aspectos que podem parecer óbvios, mas na prática produzem uma diversidade de edifícios, desde os mais simples na época Júlio-Cláudia até os mais suntuosos de época Flávia, como o próprio Coliseu. Além disso, deve-se considerar, também, que em distintas partes do Império encontramos os chamados

edifícios “mistos” que eram, ao mesmo tempo, teatro e anfiteatros, o que indica que a frequência e os tipos de espetáculos mais comuns também influenciavam a arquitetura.

Embora não tenhamos a intenção de discutir a fundo cada tipo de edifício, pode-se imaginar que espetáculos em edifícios elípticos, com estruturas internas subterrâneas, especialmente desenhadas para combates e caçadas, abririam a possibilidade da realização de espetáculos sofisticados para uma grande quantidade de pessoas. Já os teatros-anfiteatros, por exemplo, dispunham de outras estruturas e necessitariam de ajustes e modificações para os *munera*, implicando na participação de profissionais especializados. (GARRAFFONI, 2005, p. 114- 116).

4 INFÂMIA E MORTE

Se perguntássemos a algumas pessoas o que é infâmia, as possíveis respostas que imaginamos que nos seriam dadas seriam: má fama, pessoa mal-vista, ser visto por outras pessoas como pessoa desonesta, que não merece confiança ou respeito. No dicionário Silveira Bueno encontramos essa definição da palavra infâmia. **In.fâ.mia** [do lat. *infâmia*] *s.f.* desonra, aviltamento, torpeza, desonestidade (BUENO, 2010, p.286). É possível encontrarmos algumas características dos significados dessa palavra atribuída a pessoas como alguém que não mereça confiança, desonesto. Não a encontraremos como um status jurídico imposto. Provavelmente essa pergunta causaria estranheza em algumas pessoas. Para nós talvez pareça diferente pensar sobre essa palavra. Infâmia.

Não há nas leis de nosso país regras que determinem que algumas profissões sejam inferiores a outras. Isso seria considerado, por nós, hoje, como algo absurdo. Socialmente há desvalorização de algumas profissões e supervalorização de outras, porém não por força das leis.

Outra situação que provavelmente nos causaria incômodo, seria demarcação de lugares para as mulheres em arquibancadas, nos últimos assentos ou proibi-las de assistir a algum evento.

Na Roma antiga, conquistar fama não estava reservado como privilégio de famílias poderosas. A profissão, feitos grandiosos ou mesmo os serviços oferecidos por profissões infames tinham seu reconhecimento. Gladiadores, prostitutas, atores poderiam se tornar figuras conhecidas e buscadas. Seu status de infames, de rejeição contrastava com seu reconhecimento como necessários à sociedade da qual eram parte.

No entanto, na busca por prestígio, os indivíduos não mediam esforços em utilizar diversos modos para alcançá-lo. Há aqueles que já nasciam célebres; outros buscavam reconhecimento no campo de batalha, como militares, onde o maior prêmio era a atribuição de um triunfo. Pompeu, por exemplo, foi premiado com três e Júlio César acumulou quatro triunfos. Esse último, devido a sua fama, foi conhecido por sua grande preocupação com a estética; Suetônio (*Vida dos doze Césares*) chega a declarar que nada agradava mais a César do que o direito de usar uma coroa de louros em todos os momentos, já que essa lhe permitia disfarçar sua calvície.

Havia ainda aqueles que disputavam cargos públicos e chamavam a atenção para si mediante o uso da toga branca. Contudo, um dos meios mais duradouros de alcançar o reconhecimento público era por meio da cunhagem de moedas que estampavam faces, conquistas e títulos, uma vez que as moedas circulavam em praticamente todos os níveis da sociedade, atingindo também as zonas distantes. Todavia, essa prática era restrita aos homens mais ilustres, como os imperadores, mesmo que tenha havido cunhagem de

moedas por parte daqueles que não pertenciam à casa imperial, como os usurpadores.

O reconhecimento público e a fama não eram somente privilégio da elite, pois mesmo entre os mais pobres havia atividades que lhes proporcionavam renome. Por exemplo, Quintos Rócio Galo, um ator proeminente no século I a.C., tornou-se tão famoso que Cícero indagava a respeito de quem ainda não o conhecia. (...)

Os gladiadores também podem ser incluídos no rol dos ofícios que concediam certo grau de fama. (...) Além de sua profissão, eles eram tidos como figuras de prazer ou desejo pelas mulheres. Cabe ressaltar que, mesmo numa esfera voltada para o masculino, as mulheres também poderiam galgar fama e prestígio, como vemos no caso de Cleópatra VII, bastante conhecida. No entanto, mulheres menos imponentes, como sacerdotisas, atrizes ou mesmo prostitutas, também tinham condições de se tornar, dependendo das circunstâncias, figuras populares.

Um dos poucos ofícios disponíveis capazes de conceder “fama” às mulheres era o da prostituição. Válvulas de escape do compromisso com a família, as prostitutas eram conhecidas e tidas como necessárias por alguns. Na Antiguidade Tardia, o próprio Agostinho advertia que o banimento da prostituição poderia corromper ainda mais a sociedade, pois seria uma porta de entrada para outros pecados mais corrosivos. Por todo o Império Romano, as prostitutas eram familiares, mesmo que criticadas pelos cristãos. Havia até mesmo prostitutas que eram conhecidas por boa parte da sociedade urbana, o que assinalava sua fama (ou infâmia). (...) É interessante ressaltar que Teodora, a mais famosa das atrizes, no século VI, deixou o palco para se tornar esposa de Justiniano e imperatriz de Bizâncio, relativizando a posição degradante de infame que possuía como atriz.

Possuir fama, reconhecimento, prestígio ou mesmo ser uma celebridade no Império Romano poderia ser a recompensa de uma vida de realizações excepcionais ou simplesmente um acidente de nascimento. Dentre os mecanismos capazes de aumentar a reputação de um indivíduo, o cristianismo teve a sua parcela de contribuição, não apenas por proporcionar oradores e escritores notáveis, mas também por elevar personagens reconhecidas por seus atos de devoção e desprendimento material. (FURLANI, 2014, p.92-94).

O olhar de hoje sobre questões do passado entraria em conflito ao observar na Roma antiga, tais características. Nesse caso, é preciso retomar que não se trata de simples violência, machismo e preconceito gratuitos. Estamos olhando para uma maneira de se entender o mundo e vivenciá-lo, portanto, nossos olhares para esses traços da sociedade romana, do período que estamos estudando, não deve ser de condenação, mas de investigação histórica.

Nos capítulos anteriores, discutimos rapidamente sobre a infâmia e suas consequências nas vidas dos gladiadores. As leis romanas determinavam que algumas profissões eram infames, ou seja, de má fama, má reputação. Gladiadores, artistas, prostitutas e donos de tabernas, apesar de seu status jurídico “inferior”, eram muito procurados pelos seus “serviços e produtos”.

El gladiador tenía una consideración similar a las personas apartadas de la sociedad: prostitutas, actores y artistas, hechiceros y magos,

mendigos y otras personas manchadas (...) pero a su vez ofrecían servicios tan solicitados como los de un tabernero, un abogado o un magistrado. La sociedad romana los necesitaba pero los marcaba con la nota de infamia (...) Esta infamia siempre se ha descrito desde el punto jurídico, y podía ser mediata si se producía por sentencia judicial; o inmediata si resultaba del ejercicio de una actividad infame.

La pregunta en este caso es determinar cuándo la infamia se asocia al oficio de gladiador profesional o por qué los combates rituales en las primeras etapas de la república tienen una huella indeleble de heroísmo y valor, al contrario de los juegos de los ss. I y II de nuestra Era, caracterizados por ese sabor espurio y manchado propios de la indignidad y el deshonor. Yo pienso que parte de la culpa la tuvo el proceso de difusión del fenómeno, la conversión del rito en espectáculo, pero en la literatura escrita, sólo consta la opinión o la visión de determinadas personas pertenecientes a una elite cultural, y no la gran mayoría del público de los juegos gladiatorios. En mi opinión, hay que considerar que algunas tesis morales estoicas, el neoplatonismo y el cristianismo coincidieron en el rechazo a determinadas personas y actividades, pero el común de la sociedad pagana no las compartía, sino que más bien las fomentaba. Quizá lo correcto sea hablar de una naturaleza dual, es decir, los gladiadores eran rechazados por vender su vida por dinero, pero admirados al mismo tiempo por los valores de virtud y heroísmo que encarnaban. El propio Séneca llegó a comparar a los gladiadores con los soldados y a decir que existía algo de gloria en todo su sufrimiento. Son notorios los casos de emperadores que deseaban luchar o entrenarse con gladiadores, no todos con mala fama por ello, lo cual nos dice que el contacto con los gladiadores no debía ser tan despreciable.

El final de la República romana estuvo jalonado por la violencia y los asesinatos porque la política admitía las represalias más o menos violentas con cotidianeidad, y esa inestabilidad del Estado marca las concepciones de la clase senatorial en los siguientes doscientos años. Por eso es que se acoge el sistema propuesto por Augusto con tan buenos ojos, pues permitió la estabilidad y garantías que necesitaba la República para funcionar en paz. Así se explica el porqué del miedo de la clase dirigente al aumento paulatino de los gladiadores que poseía Julio César en Roma. Los senadores decidieron limitar el número de gladiadores que un hombre podía poseer en la capital, prohibición que iba en contra de la formación de ejércitos privados, quizá porque muchos de ellos aún recordaban como Mario defendió la ciudad de Roma del asedio de Sila reclutando gladiadores y eso siempre representaba un peligro en manos de cualquiera con dinero. Los llamados volones o gladiadores reclutados como tropa auxiliar no eran corrientes pero si conocidos en épocas de desesperación, el texto de Suetonio deja traslucir para este momento, que los gladiadores ya no son los héroes espontáneos que revestían de dignidad un ritual funerario, sino que el mérito es todo para el editor, en este caso César. (CASTILLO SANZ, 2012, p.157-159).

Atividades infames estavam determinadas pelo ponto de vista jurídico. Não eram impedidas, mas eram consideradas como de má fama. No século I d.C., o direito de cidadania romana ainda não tinha sido estendido a todos. Alguns cidadãos tinham direitos plenos, outros tinham direitos parciais. No caso de um cidadão cometer algum

crime, ao receber sua sentença se tornava infame e perdia parte de seus direitos. Os gladiadores não tinham direitos. Não poderiam acusar alguém em processo, se defender, ser representado, representar alguém ou ser testemunha. Seu status é de escravo.

Os primeiros combates de gladiadores eram em homenagens aos falecidos ilustres, porém aos poucos, aqueles que lutavam foram ganhando um status de infames. Se pensarmos sobre essas pessoas, tendo como fontes apenas textos de autores eruditos, sem olharmos atentamente, parecerá que todos eram contrários à gladiatura e a rejeitavam como algo de má reputação.

Os autores romanos, em boa parte eram estudiosos da filosofia estoica, e escreviam pensando nas questões filosóficas que estavam em suas mentes. Suas reflexões, então, sendo diversas, não trariam somente críticas morais. Se utilizarmos somente os textos para estudar a gladiatura, teremos somente as opiniões de seus autores, que escreveram sobre temas diversos em suas obras. Não eram necessariamente críticos dos gladiadores. Podemos aproveitar suas experiências e reflexões sem precisar olhar com uma ideia preconcebida sobre o que tais autores pretendiam dizer.

Durante as guerras civis, Mário utilizou tropas auxiliares compostas de gladiadores, assim como Júlio César tinha um número considerável deles para realização de seus eventos, além da revolta liderada por Espártaco. Talvez esses fatores tenham contribuído para que as leis os colocassem em condição de infames.

As guerras civis, mesmo no século I a.C., fortaleceram o poder daqueles que tinham legiões ao seu comando. O senado, mesmo com poder sobre os legionários, com as guerras, não detinha sozinho o poder de comando sobre as legiões. Não era comum o recrutamento de gladiadores para fazer parte do exército, porém em momentos de conflitos, era possível que isso ocorresse. Ter soldados ao seu lado, era ter poder militar quando fosse preciso usar das armas, o que na República romana, poderia gerar temor nos senadores, pois uma revolta que contasse com esse poder colocaria a república em risco. Ainda também não havia, por parte do Senado, interesse que os magistrados resolvessem seus conflitos quando se encontrassem em lutas de gladiadores.

Mesmo com força da legislação, nos perguntamos, até que ponto a infâmia dos gladiadores poderia ser causa de sua rejeição ou de sua aceitação? Escritores usavam sua figura em textos diferentes para reflexões de variados temas, assim como houve imperadores que ofereciam espetáculos e alguns treinavam com os gladiadores; espectadores expressavam suas opiniões sobre seus lutadores favoritos. Não se tirou esse peso de má reputação, talvez fosse impossível que se revertesse os efeitos das leis sobre a gladiatura, porém, do ponto de vista social, não só havia quem se interessava pelos gladiadores, como também entre as

famílias senatoriais e outros grupos houve aqueles que se tornaram gladiadores temporários para que pudessem lutar nas arenas.

Tras revisar el concepto de infamia y las limitaciones legales que produjo, debo concluir que si no se pudo revertir los efectos de la infamia desde el punto de vista jurídico, cosa que no puedo demostrar y de la que no tenemos en principio noticia, si puedo afirmar que la infamia desde el punto de vista social era completamente superable. Aunque pienso que para los magistrados *cum imperio* no sería especialmente trabajoso eliminar la nota de infamia de un individuo, la simple popularidad de los gladiadores debió empañar o ensombrecer las consideraciones morales que la infamia conllevaba, y la remoción de la infamia queda demostrada suficientemente, para mí, en las lápidas de los gladiadores que conservamos, en la maestría que podemos ver en algunas de ellas y en el nulo esfuerzo en ocultar, o si se prefiere en el despilfarro en recordar, la memoria de una profesión que ni prostitutas, hechiceros y artistas llevaron tan a gala para sí. (CASTILLO SANZ, 2012, p.160).

Ao olharmos para as lápides funerárias, não havia um esquecimento das atividades profissionais do falecido. As informações que seus amigos, esposas e filhos poderiam optar para colocar em suas lápides seriam apenas seus nomes, nascimento e morte, porém não era o que acontecia. Colocavam outras que identificavam sua profissão. Podemos então perceber que homenagear o gladiador morto, não era motivo de vergonha do que ele fez enquanto vivo. Para os gladiadores, pelo menos para parte deles, sua profissão não é algo qualquer, não deve ser escondido, esquecido como algo indigno de memória.

Tampoco es extraño que en estos epitafios se nombren las esposas e hijos de los gladiadores fallecidos, es lógico suponer que no existía vergüenza en decirle al mundo “yo fui gladiador”; al contrario, ahora veremos como incluso llegaron a existir retratos incorporados a la inscripción que hablan aún más gráficamente de la vida gladiatoria. (CASTILLO SANZ, 2012, p.160).

É interessante notar, também casos entre mulheres e gladiadores. Seu status de infâmia e por vezes sua aparência de feridas não os impediam de ter casos, incluindo com aquelas mulheres de posição social elevada.

Algunas romanas de alta cuna, e incluso algunas emperatrices, no pudieron evitar sucumbir a los encantos de los gladiadores, aunque probablemente lo que de verdad atraía a estas mujeres, capaces de perder su virtud, su estatus y su familia por una aventura amorosa, era el halo de fama que los rodeaba. Juvenal lo deja bien claro en una de sus sátiras: se enamoraban de su actividad, valentía y virilidad más que de su aspecto, el cual debía de ser

bastante desmejorado debido a las heridas que sufrirían en los combates. El autor nos cuenta cómo Epia, la mujer de un senador, se fugó con el gladiador Sergio a pesar de que él sufría de malformaciones claras y su aspecto físico era incluso desagradable a la vista. Debemos hacer aquí una aclaración que muy a menudo se ha obviado: que una mujer huyese de su hogar era un importante problema, cierto, pero no lo era tanto que lo hiciese con gladiador. La acción de marchar de su casa suponía dejar a sus hijos, marido y demás miembros de la familia, era, por tanto, un atentado a su gens, a los ascendientes de su sangre, es decir, a sus antepasados, tan venerados en la sociedad romana. Huir fuera de su casa era olvidar su virtud: el deber más importante de una matrona en

Roma, lo que convertía a la mujer en una deshonra y la dejaba al margen de la sociedad, pudiendo llegar a entenderse como un atentado a la propia Roma que juzgaba que una mujer cumplía con el Estado cuando lo hacía con su familia. (MUÑOZ SANTOS, 2017, P.174).

As mulheres também foram espectadoras das lutas. Até a legislação do imperador Augusto, os assentos eram ocupados de maneira aleatória. Isso quer dizer que homens e mulheres estavam misturados. Não era incomum aqueles que buscavam nessas arquibancadas, oportunidade para uma aventura amorosa. Com as novas mudanças, os assentos nos últimos lugares estavam reservados às mulheres. Também passou a exigir o uso de toga para assistir aos jogos e lutas. Essas regras deveriam ser seguidas por todos os cidadãos. Também não houve proibição de que mulheres assistissem as lutas.

Leemos en Suetonio sobre el motivo o excusa para esta organización de los asientos: “La manera de asistir a los espectáculos no podía ser mas desordenada y negligente; Augusto la corrigió y la sometió a un reglamento, movido por la ofensa hecha a un senador que, en Pozzuoli, durante unos juegos concurridísimos, no había hallado a nadie que le hiciera sitio entre el numeroso concurso de espectadores. Por consiguiente, se promulgó un decreto del Senado por el que debía reservarse a los senadores la primera fila de asientos cada vez que se diera en cualquier parte un espectáculo público, y prohibió que en Roma ocuparan los asientos de la orquesta los embajadores de los pueblos libres y aliados, pues se había dado cuenta de que incluso se enviaba a algunos de la clase de los libertos. Separó a los soldados del pueblo. Asignó a los plebeyos casados unas gradas especiales, así como su propia sección a los que todavía vestían la pretexta y la contigua a sus preceptores, y prohibió ocupar las gradas centrales a toda persona vestida de oscuro. En cuanto a las mujeres, no les permitió presenciar ni siquiera los combates de gladiadores, que desde hacia tiempo era habitual que presenciaran mezcladas con el público, sino desde las gradas más altas y ellas solas. Dio a las vírgenes vestales un asiento aparte en el teatro, frente al estrado del pretor” (MUÑOZ SANTOS, 2017, p.172).

A participação feminina nas lutas ainda é dúvida se era algo excepcional ou se havia lutas profissionais. Para as famílias da elite romana, a mulher tinha função fundamental na família. Se tornava matrona, abandonar sua vida por aventuras com as armas significava

deixar não somente sua casa, mas a destruição de toda sua família. Cada um tinha seu lugar. As armas em lutas nas arenas não eram para as mulheres. Isso é demonstrado através de leis locais que impediam sua participação em lutas. O que se passa em Roma, em alguns momentos com apresentações de lutas entre mulheres, não indica que necessariamente em todos os lugares do império ocorria o mesmo.

Dion Cássio e Tácito nos informam sobre espetáculos realizados durante o governo de Nero. Nesse período, lutas foram realizadas em que voluntários e outras pessoas teriam lutado, contando com a presença de mulheres e homens, talvez magistrados, participaram desses eventos. As mulheres participavam também das caçadas e outros jogos, no anfiteatro e no circo. Outros imperadores também ofereceram espetáculos com participação das mulheres. Boa parte delas não eram de famílias equestres ou senatoriais.

Ver mujeres luchando en la arena era algo muy impactante para el público y también muy emocionante. Aún los investigadores no tienen claro si se trataba de luchas excepcionales dentro de los ya conocidos munera gladiatoria o bien eran tan conocidos que no llamaban nada la atención y por ello casi ni son mencionados. La arena era una recreación del universo romano, un lugar donde el desorden y el caos de la vida diaria se ponía en orden con los juegos, en ellos los criminales eran ejecutados, la naturaleza (por medio de la caza) conquistada, los errores reparados (...) y en el que apareciesen mujeres en escena podía ser parte de ese rol que se le daba a la arena, poniendo a cada uno en su sitio, también a la mujer, que debía permanecer alejada de las armas. (MUÑOZ SANTOS, 2017, P. 177-178).

Mesmo com proibições para pessoas de famílias poderosas participarem de lutas nas arenas, o controle dos lugares dos assentos nas arquibancadas, a aparência resultante de ferimentos, ou a certa distância que os gladiadores eram mantidos sem poder ter qualquer direito, não houve o impedimento para que pessoas se interessassem pelo universo da gladiatura e se envolvessem de alguma maneira com ele. A gladiatura, como profissão infame, portanto sem status jurídico e direitos, ainda que não impedindo que houvesse um status social, tinha suas consequências também no momento do sepultamento. Não podia enterrar um homem ou mulher infame com os cidadãos. Seus túmulos eram postos em espaços diferentes.

4.1 Córdoba

Córdoba foi fundada em 192 a.C., pelo general Cláudio Marcelo. Existia um vilarejo com esse mesmo nome perto do rio Guadalquivir, essa “cidade nova” também é conhecida como Córdoba Romana. Esse é um rio navegável, que se liga ao mar Mediterrâneo. O

imperador Augusto levou veteranos de guerra para essa cidade e doou-lhes lotes de terra. Acabou se tornando uma colônia romana (colônia patrícia).

Ao longo do século I a.C., essa cidade passou por mudanças, com construções que levaram ao seu crescimento. O tamanho de sua muralha é ampliado, o fórum foi remodelado, foi construído o fórum provincial, uma área portuária e uma ponte, que criou um novo acesso à cidade, além de templos, casas, circo, teatro e um anfiteatro.

O anfiteatro de Córdoba foi utilizado até por volta do século IV, quando começou a ser desmontado e ter seu material utilizado em outras construções. Eram realizadas lutas de gladiadores, caçadas e execuções públicas em sua arena.

Sobre a gladiatura nessa cidade, não há muitas informações, pois ainda há poucos trabalhos sobre esse tema. Porém, com as informações que temos, é possível esboçar uma ideia.

Entre 1.948 e 1.954 onze lápides funerárias de gladiadores foram encontradas em Córdoba. Anteriormente havia cinco lápides registradas, as lápides encontradas em Córdoba posteriormente não foram todas registradas. Atualmente já foi feito o registro das restantes. Com as descobertas chegou-se ao número de dezesseis registros desse tipo de material epigráfico. São das cidades de Córdoba, Barcelona, Cádiz, Mérida e Tarragona. As poucas lápides encontradas não são os únicos materiais encontrados, alguns com cenas da gladiatura, terracotas, lâmpadas, cerâmicas, pedaços de vidro, taças e peças de bronze são exemplos de fontes da península ibérica.

Poucos foram os gladiadores nascidos e recrutados da península ibérica. Houve somente uma escola de gladiadores hispânica, a *ludus gladiatorius hispanus*, localizada em Córdoba.

As lápides encontradas nos trazem informações semelhantes com outras encontradas em regiões variadas de Roma. Os gladiadores tinham sua vida, que não se resumia a lutas. A infâmia imposta por força de legislação não os impedia de viver e se mover dentro das possibilidades que tinham no período em que viveram.

Veremos algumas imagens das lápides encontradas em Córdoba. Tivemos acesso a esse material por um artigo intitulado *Lapidas funerarias de gladiadores de Hispania*, de autoria de Antonio García y Bellido. Seleccionamos as imagens, as inscrições e sua tradução para o espanhol.

Figura – 2



Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

SATVR MVR(millo). <ludus gladiatorius> IVL(ianus). <pugnavit> XIII / BASSVS. L(iberatus). MVR(millo) <palmarum> I. <coronarum> I. / H(ic). S(iti). S(unt). S(it). V(obis). T(erra). L(evis) / CORNELIA. SEVERA / VXOR. D(e). S(uo) D(edit, o -edicavit).

¹Satur, murmillo, de los juegos gladiatorios iulianos, combatió trece veces. Bassus, murmillo, liberado, alcanzó una palma y una corona. Aquí están sepultados. Séaos la tierra leve. Cornelia Severa su mujer (del último ?) puso este monumento a su costa.

1 Satur, murmillo, dos jogos gladiatórios julianos, combateu treze vezes. Bassus, murmillo, liberado, alcançou uma palma e uma coroa. Aqui estão sepultados. Seja-lhes a terra leve. Cornélia Severa sua mulher (do último?) pôs este monumento por sua custa. (tradução nossa).

Figura - 3



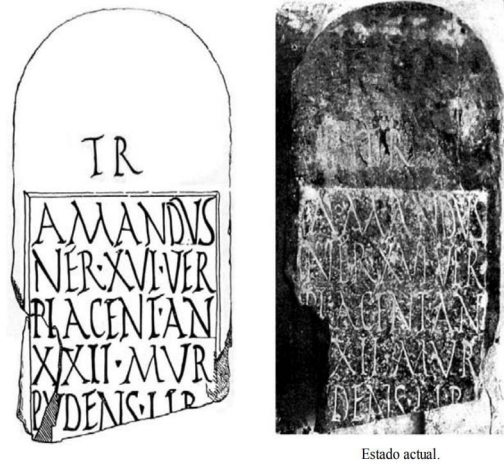
Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

MVR(millo) / CERINTHVS. <ludus gladiatorius> NER(onianus) <pugnavit> II / NAT(ione) GRAECVS AN(norum) XXV / ROME CONIVNX BENE / MERENTI DE SVO POSIT / T(e) R(ogo) P(raeteriens) D(icas) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

²Murmillo Cerinthus, de los juegos gladiatorios Neronianos, luchó dos veces. Nación griega. Murió contando 25 años. Rome, su esposa, puso a su costa esta lápida en memoria de su benemérito marido. Te ruego, tú que pasas delante de ella, digas; séate la tierra leve.

2 Murmillo Cerinthus, dos jogos gladiatórios Neronianos, lutou duas vezes. Nação grega. Morreu contando 25 anos. Rome, sua esposa, pôs por sua custa esta lápide em memória de seu benemérito marido. Te rogo, tu que passas diante dela, digas: seja-te a terra leve. (tradução nossa).

Figura - 4



Estado actual.

Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

TR(ax) / AMANDVS / <ludus> NER(onianus) <pugnavit> XVI. VER(na) / PLACENT(iae)
AN(norum) / [X]XII. MVR(millo) / [PV]DENS LIB(eratus)...

³Amandus, thrax, de la familia neroniana. Luchó dieciséis veces. Nació esclavo en Placentia. Murió a los veintiún años. Pudens, murmillo, liberado...

3 Amandus, thrax, da família neroniana. Lutou dezesseis vezes. Nasceu escravo em Placentina. Morreu aos vinte e um anos. Pudens, Murmillo, liberado... (tradução nossa).

Figura - 5



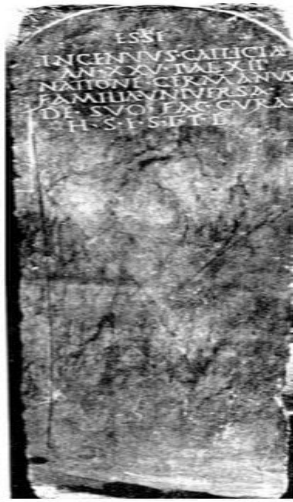
Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

MVR(millo) / FAVSTVS <ludus gladiatorius> NER(onianus) / <pugnavit> XII
VER(na) ALEX(andriae) / AN(norum) XXXV H(ic) S(itus) E(st). / APOLLONIA VXOR /
ET HERMES TR(ax) DE / SVO POSVERVNT.

⁴Murmillo Faustus, de los juegos neronianos, luchó doce veces. Nacido esclavo en Alejandría. Murió a los 35 años. Apollonia, su mujer, y Hermes, de la clase de los luchadores thracios, pusieron este monumento a su costa.

4 Murmillo Faustus, dos jogos neronianos, lutou doze vezes. Nascido escravo em Alexandria. Morreu aos 35 anos. Apollonia, sua mulher, e Hermes, da classe dos lutadores trácios, puseram este monumento por sua custa. (tradução nossa).

Figura - 6



ESSE
 INCENVVS·GALLICIA
 AN·XXV·PAL·XII
 NATIONE·GERMANVS
 FAMILIA·VNIVERSA·
 DE·SVO·FAC·CVRA
 H·S·E·S·T·T·L

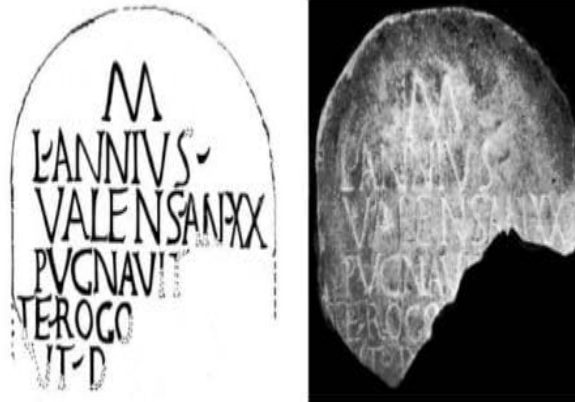
Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

ESSE(darius) / INGENVVS <ludus gladiatorius> GALLICIA(nus) / AN(norum) XXV
 PAL(marum) XII / NATIONE GERMANVS / FAMILIA VNIVERSA / DE SVO
 FAC(iendum) CVRA(vit) / H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

⁵Ingenuus, essedarius, de los juegos gladiatorios gallicianos. Murió a los veinticinco años. Ganó doce palmas. Era de nación germano. Toda la tropa de los essedarios hizo a su costa este monumento. Aquí yace. Séate la tierra ligera.

5 Ingenuus, essedarius, dos jogos gladiatórios gallicianos. Morreu aos vinte e cinco anos. Ganhou doze palmas. Era de nação germana. toda a tropa dos essedários fez-lhe por sua custa este monumento. Aqui jaz. Seja-te a terra leve. (tradução nossa).

Figura - 7



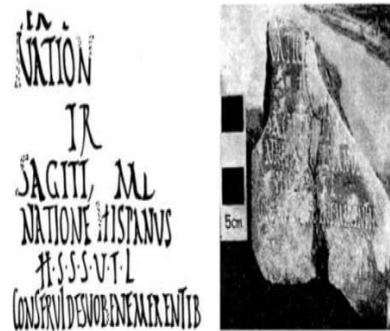
Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

M(urmillo) / L(ucius) ANNIVS / VALENS AN(norum) XX / PVGNAVIT [...] /
TE. ROGO [PRAETER(iens)] / VT D[ICAS S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)].

⁶Murmillo Lucius Annius Valens. Murió contando veinte años. Luchó (... veces. Hay sitio para más signos que serían de palmas o coronas). Te ruego, tú que pasas ante este sepulcro, digas: séate la tierra ligera.

6 Murmillo Lucius Annius Valens. Morreu contando vinte anos. Lutou (... vezes. Há lugares para mais signos que seriam de palmas ou coroas). Te rogo, tu que passas ante este sepulcro, digas: seja-te a terra leve. (tradução nossa).

Figura - 8



Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

⁷.....] NER ? [....] / NATION[E] / TR(ax) / SAGITTA... ME[....] / NATIONE HISPANVS / H(ic) S(iti) S(unt) S(it) V(obis) T(erra) L(evis) / CONSERVI DE SVO BENEMERENTIB(us).

⁷ No catálogo de onde retiramos a imagem esse trecho não foi traduzido. (tradução nossa).

Figura - 9



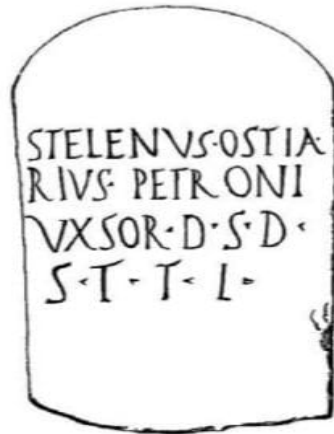
Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

ACTIVS MVR(millo) / VIC(it) VI AN(n)O(rum) XXI H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(erra) L(evis)
 / VXOR VIRO DE SVO QVOT / QVISQVIS VESTRVM MORTVO / OPTARIT MIHI IT
 ILI DI FACIANT / SEMPER VIVO ET MORTVO.

⁸Actius, murmillo, venceu seis vezes. Morreu a los veintiún años. Está aquí sepultado. Séa(te) la tierra leve. Su esposa, y a su propia costa, hizo este monumento a su marido. Lo que cualquiera de vosotros desease para mi ya difunto, eso mismo hagan los dioses con él esté vivo o muerto.

8 Actius murmillo, venceu seis vezes. Morreu aos vinte e um anos. Está sepultado aqui. Seja-te a terra leve. Sua esposa, por sua própria custa, fez este monumento a seu marido. O que qualquer de vocês desejasse para mim já defunto, isso mesmo façam os deuses com ele esteja vivo ou morto. (tradução nossa).

Figura - 10



Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

STELNVS OSTIA / RIVS PETRONI(a ?) / VXOR D(e) S(uo) D(edit) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

⁹Stelenus, portero (sc. de los juegos gladiatorios). Petronia, su mujer, puso a su costa el monumento. Séate la tierra leve.

9 Stelenus, porteiro (sc. Dos jogos gladiatórios). Petronia, sua mulher, pôs por sua custa o monumento. Seja-te a terra leve. (tradução nossa).

Figura - 11



Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

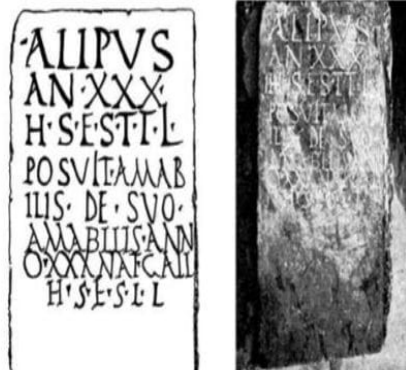
[.....], / L(iberatus) P(almarum) [I] C(oronarum) II / FAMILIA M F.

¹⁰[Nombre y clase del gladiador] liberado. Ganó una (?) palma y dos coronas.

Puso el monumento la familia gladiatoria (a la que perteneciera). M F lo interpreto, pues, como M(onumentum) F(ecit), pues la inscripción se terminaba evidentemente aquí.

10 [Nome e classe do gladiador] liberado. Ganhou uma (?) palma e duas coroas. Pôs o monumento a família gladiatória (a que pertencera). M F o interpretou, pois, como M(onumentum) F(ecit), pois a inscrição evidentemente terminava aqui. (tradução nossa).

Figura - 12



Fonte: Antonio García y Bellido (1960)

[.....?] / ALIPVS / AN(norum) XXX / H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) / POSVIT AMAB / ILIS DE SVO / AMABILIS ANN / O(rum) XXX NAT(ione) GALL(ica) / H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

¹¹[Clase del luchador ?] Alipus, murió a los treinta años. Aquí yace. Séate la tierra leve. Levantó esta memoria a su costa Amabilis [esposa ?]. Amabilis, muerta contando treinta años, de nación gala, está aquí sepultada. Séate la tierra leve.

11 [Classe do lutador?] alipus, morreu aos trinta anos. Aqui jaz. Seja-te a terra leve. Levantou esta memória por sua custa Amabilis [esposa?]. Amabilis, morta contando trinta anos, de nação gala, está sepultada aqui. Seja-te a terra leve. (tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso texto tentou responder a questionamentos surgidos ainda antes de pensarmos em um projeto de pós-graduação. A glória das vitórias mostradas no filme *O gladiador* e a série *Spartacus*, por exemplo, nos instigavam em pensar nas dificuldades enfrentadas pelas pessoas que se tornaram ou viviam com gladiadores. Os estudos, desde antes e durante nossa trajetória acadêmica nos levaram a buscar e interessar pela infâmia, suas causas, consequências e limites nas vidas de quem era “atingido” por ela.

Para percorrer esse caminho, iniciamos leituras de trabalhos acadêmicos, mas o livro *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*, da historiadora Renata Senna Garraffoni teve papel fundamental na orientação de nossas reflexões. Começamos perguntando quais razões nos levaram a esses estudos e como pensar, enquanto estudante de história sobre qual seria o tipo de explicação que daríamos sobre todo o aprendizado durante o processo de formação de nossos pensamentos sobre a gladiatura. Sem pensar sobre a história e a necessidade de critérios sérios para nos orientar, enquanto método de trabalho, isso não seria possível.

Estudamos um pouco da historiografia sobre a gladiatura. Percebemos a permanência de teorias que explicavam os jogos de Roma como tendo uma função política, o que nos levou a questionar nossa própria forma de pensar até então, que de certa maneira concordava com estereótipos como “romanos eram perseguidores de cristãos e imitadores dos gregos” e os conceitos “pão e circo e plebe ociosa” aos poucos foram desmanchados de nossa forma de pensar sobre os romanos na antiguidade.

O próximo passo foi aprender um pouco sobre a gladiatura, os gladiadores e ver mais sobre o cotidiano dos mesmos. Assim, pouco a pouco, percebemos que as lutas não eram um simples passatempo de morte para entreter uma massa sem vontade. As categorias de lutas e armas, as diferenças de cidade para cidade, de anfiteatro para anfiteatro e o interesse de pessoas de grupos sociais diferentes, nos mostraram que esses eventos contavam com a presença de pessoas diferentes, capazes de agir, pensar, se mover e escolher, vivendo seu próprio tempo. Percebemos que juízos de valores sobre o passado não contribuía em nada para o avanço dos estudos sobre os gladiadores, o que é válido para qualquer tema em história

Por fim olhamos para a infâmia e seus desdobramentos sobre a vida dos gladiadores. Descobrimos que não os impedia de viver, se relacionar com outras pessoas. Mesmo na morte, acabavam em local separado dos cidadãos, mas em vida poderia ser de interesse para alguns deles, inclusive para aventuras amorosas.

O que aprendemos com nossos estudos durante a escrita desta dissertação?

As lutas nas arenas não eram um espetáculo a serviço de uma ideologia imperial. Era algo complexo e precisava de muitas pessoas trabalhando para sua realização. Para os estudiosos do século XX, que se orientaram pela teoria funcionalista para compreender os aspectos políticos da gladiatura, interessava explicar questões de seu tempo. Para aqueles que viveram as guerras mundiais e o pós-guerras, Roma antiga era um mundo que poderia ser estudado para compreender as mudanças que se passavam no presente. O que havia de parecido entre Roma antiga e o mundo moderno? Pareceu-nos que essa questão foi fundamental nos estudos realizados por historiadores do século passado. Houve o interesse em compreender a violência, explicá-la e combatê-la.

Morrer de forma honrada era algo reservado para cidadãos e militares. Ao lutar, os gladiadores poderiam ter algum reconhecimento pelos seus feitos, o que não lhes tirava de uma condição de escravos ou condenados. Ao morrer e ser colocado em local diferente das demais pessoas, os epitáfios dedicados aos gladiadores eram pagos por seus amigos, esposas e filhos. A partir deste ponto nosso estudo passou a se concentrar em compreender a vida dos gladiadores, sem ter como foco aspectos políticos.

Lendo os textos da historiadora Renata Senna Garraffoni entendemos que o uso de material epigráfico enriqueceria nosso trabalho. O que os gladiadores diziam sobre si mesmos? Quais as representações que foram feitas sobre as lutas e os gladiadores pelos espectadores dos jogos nos anfiteatros? Aprendemos um pouco sobre como trabalhar com epigrafia.

O olhar de um historiador sobre o tema do qual se ocupa, das questões que estão em sua mente, requer a busca de fontes para que possa investigar. Se suas fontes são unicamente textos, trabalhará com o que tem em mãos, com as possibilidades que as fontes selecionadas para seus estudos permitirem. Talvez essas fontes não lhe permitam trabalhar

com questionamentos importantes para o desenvolvimento de seu estudo. Não será uma consequência que não possa concluir sua pesquisa, porém, ao trabalhar com questões de interesse também para outras pessoas, será possível oferecer explicações mais satisfatórias e até mesmo levantar novas questões e debates que enriqueçam ainda mais o conhecimento com variedade de fontes, sejam elas epigráficas, numismáticas ou arqueológicas, por exemplo.

REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário escolar da língua portuguesa Silveira Bueno**. São Paulo: DCL, 2010.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade tardia e o fim do império romano no ocidente**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. **Moedas: a numismática e o estudo da história**. São Paulo: Annablume, 2012.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação**. São Paulo: Annablume, 2013.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paideia e retórica no Século IV D.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório nazianzeno**. São Paulo: Annablume, 2010.

CASTILLO SANZ, Francisco Javier. El auctoratus: controversia entre libertad e infamia. **Antestería: debates de historia antigua**, n. 1, 2012.

GARRAFFONI, Renata Senna. **Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

GARRAFFONI, Renata Senna. Contribuições da Epigrafia para o estudo do cotidiano dos gladiadores romanos no início do Principado. **História (São Paulo)**, v. 24, n. 1, 2005.

GARCÍA Y BELLIDO, Antonio. Lápidas funerarias de gladiadores de Hispania. **Archivo Español de Arqueología**, v. 33, n. 101-102, 1960.

LEITE, Leni Ribeiro; SILVA, Ventura da; CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa (org.). **Fama e infâmia no mundo antigo**. Vitória: PPGL, 2014.

MUÑOZ SANTOS, María Engracia. La mujer y los espectáculos romanos. **Revista Veredas da História**, v. 10, n. 1, jul. 2017.